

AURORA: TERRA DE MACÊDOS, VULGO MACEDOLÂNDIA

Bruna Leite Bezerra¹

Paulo Sérgio dos Santos²

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos³

Introdução

A prática do coronelismo surge junta à proclamação da República, tendo seu fim no governo de Getúlio Vargas (AQUINO, 2012). O sistema coronelista implica em um poder político centralizado nas mãos de um chefe local que ocupa este cargo através de alianças com autoridades políticas e por meio de votos de cabresto, que é a imposição sobre o voto por meio da autoridade do chefe local e compra de votos. Porém é por demais sabido que este processo de mandonismo não se extinguiu de fato, haja visto que até os dias atuais, em pequenas cidades do interior, esta prática é vigente. No entanto, vale salientar que não possui o mesmo caráter, como nos diz Fortunato (2008, p. 58) de um lado emerge um “neo-coronel” travestido de moderno empresário que usurpa os velhos hábitos do antigo coronel. “[...] levam-nos a crer que as relações de poder permanecem imutáveis apesar de assimilarem novos elementos.” Segundo a supracitada autora o novo conceito empregado acerca do termo coronel possui uma “elasticidade” que denota suas particularidades.

O Ceará até a Era Vargas enquadrava-se neste contexto de leis organizadas por clãs familiares que eram escolhidos de acordo com seus interesses. Não havia uma identidade de ser cearense, eram regiões autônomas com suas próprias leis. Somente com o advento da independência brasileira e a necessidade de centralização do poder é que houve a junção das regiões que formavam este estado e a instituição deste sentimento estadual.⁴

Diante desta nova configuração os coronéis buscaram não perder sua autonomia, assim foi necessária a formação de alianças entre famílias importantes e destas com o parlamento, foi através desta nova organização que se originou o clientelismo e as bases aliadas de apoio político.

¹ Graduanda de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: bezerrabruna20@bol.com.br

² Graduando de Licenciatura Plena e História pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: tempospaulo@gmail.com

³ Professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande-PB. E-mail: rcovruski@gmail.com

⁴ CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **História do Ceará**. Fortaleza, CE.

Concomitantemente a busca pela formação de um governo próprio ao se emancipar do Pernambuco, houveram lutas internas ligadas ao comando municipal. Ocorreram enfrentamentos de grupos familiares e revoltas entre bandos armados.⁵

Neste aspecto, sustentado no exposto, acima trataremos de analisar a família Macêdo de Aurora – CE e a atual conjuntura política desta cidade, tendo em vista que dividida em oposição e situação esta família figura o poder oligárquico coronelista nesta localidade. Atentando ainda para o debate acerca da relação deste poder com o topônimo dado a cidade: Macedolândia.

Inaugura sua jornada política na figura de sua matriarca Marica Macêdo que junto a seus aliados depôs o então prefeito Totonho Leite propiciando, a partir disto, a ascensão da oligarquia Macêdo que passa a estar presente nas diversas esferas públicas do município, resultando-lhe, conseqüentemente o apelido de Macedolândia⁶. Assim, nos é perceptível que a história de Aurora anda de mãos dadas a desta família.

Antônio Leite Teixeira Netto (conhecido por coronel Totonho Leite) foi subdelegado de polícia de Aurora, quando esta ainda era uma pequena vila pertencente ao município de Lavras da Mangabeira – CE. Foi ainda nomeado intendente do município por algumas vezes e fundador da primeira Lei Orgânica desta localidade. No ano de 1907 usurpou a intendência municipal do seu sobrinho, Antônio Leite de Oliveira, que era apoiado pela família Macêdo o que resultou em vinganças e perseguições políticas. Marica Macêdo e sua prole entraram nesta luta e sofreram durante algum tempo represália por parte de Totonho Leite, em virtude destas perseguições o cenário político aurorense encontrou-se tumultuado até serem resolvidas estas adversidades após a violenta Questão de 8 (CALIXTO JÚNIOR, 2012, p. 113-115).

Na época das desavenças entre a matriarca Marica e o coronel Totonho Leite, o Ceará era governado pela oligarquia Accioly cujo chefe era o comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, sendo seu governo marcado pelo centralismo e autoritarismo. O coronelismo vivenciava seu ápice, sobretudo, no sul do estado do Ceará, durante a “era Aciolina”. Deste modo, através do gozo do poder local a época foi favorável a oligarquia Accioly e seus mandos. Segundo Macêdo (1990, p. 45), “o coronelismo do Ceará viveu sua fase de prestígio”. Sob a tutela de Nogueira Accioly as oligarquias do

⁵ CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **História do Ceará**. Fortaleza, CE.

⁶ Apelido dado a cidade de Aurora em virtude da efetiva participação desta família na conjuntura do município.

sul cearense permaneceram e fortaleceram-se, assim dando continuidade a este sistema político denominado coronelismo.

Os coronéis e parentes⁷ de Marica no Cariri ajudaram esse clã na luta contra o intendente municipal, coronel Totonho. Fizeram uma solicitação ao então presidente do Estado (vale frisar que Accioly soube balancear o apoio entre as duas famílias, o que nos mostra como a política é um jogo permeado de interesses) que enviou homens para ajudarem na luta e assim com ajuda dos demais coronéis e aliados foi deposto de suas funções o coronel Totonho Leite.

Cessando os conflitos, o clã Macêdo saiu fortalecido e a partir desse momento seria recorrente a posse destes em cargos políticos e sucessivos intendentes e prefeitos até a atualidade, chegando à mesma família a compor a única disputa para prefeito em alguns mandados, ficando recorrente a disputa pela política dentro da família

Isto posto fixamos nossa inquietação acerca do topônimo Macedolândia dado à cidade buscando compreender como este território de poder foi construído, alicerçando, assim uma tradição familiar na política aurorense.

É importante salientar que as desavenças e alianças feitas por esta família perpetuaram-se de geração em geração, tornando claros os grupos políticos que demonstram sua lealdade aos antepassados.

Tipi, marco inicial do poder “macedônico”

O território do Tipi⁸ é uma região privilegiada, tendo em vista que se localiza entre o município do Barro - CE e a oeste do Estado da Paraíba (próximo à cidade de Cajazeiras – PB, que já era grande polo econômico no início do século XX) e no caminho para Juazeiro do Norte-CE. O sítio Tipi além de ficar nesta região de transição entre cidades, é também via de entrada e saída para o município de Aurora. Portanto, a família Macêdo escolheu este lugar para fixar-se estrategicamente.

Esta família fez um processo migratório dentro do estado do Ceará, deslocou-se da região do sítio Gameleira no município de Missão Velha para o sítio do Tipi em Aurora, pois queriam uma local que lhe garantisse uma prática da pecuária e agricultura.

⁷Os coronéis, Antônio Joaquim de Santana da cidade de Missão Velha, João Raimundo de Macêdo de Barbalha, Domingos Leite Furtado de Milagres e major Inácio do Barro fizeram uma aliança e ajudaram fazendo pressões ao presidente para que interferisse na luta que acontecia em Aurora – CE.

⁸ Designação dada a região por consequência da abundante presença de um arbusto de mesmo nome.

E foi na região do Tipi que o clã se estabeleceu, desenvolveram plantações de milho, arroz, cana-de-açúcar, também detinham cabeças de gado e engenho de rapadura.

No Tipi a família Macêdo desenvolveu suas raízes oligárquicas. O clã possuía (e possui até atualmente) grandes posses de terra nesta região, configurando-o, assim, como seu território de poder. A introdução dessa família proporcionou um amplo aparato de subsídios socioeconômicos que garantiram seu poder na região e posteriormente no município.

O clã Macêdo, desta forma, foi perpetuando suas raízes na localidade do Tipi. E, posteriormente em decorrência de disputas políticas suas raízes vão se alastrando pelas demais áreas do município de Aurora-CE.

A oligarquia Macêdo foi tecendo sua rede de relações interpessoais que proporcionaram um aparato político, econômico e social naquele período e que se reflete até hoje. No imaginário popular e na historiografia local o Tipi aparece como a terra do clã Macêdo e ainda hoje se configura como espaço de atuação deles. Por isso popularmente a região do Tipi é denominada berço dos Macêdo.

É importante salientar o grande poder que esta família exerce a partir da construção e desenvolvimento da região do Tipi e na configuração dessa localidade como distrito municipal. Antes de assegurar seu espaço no poder municipal, a supracitada família já detinha o poder dessa pequena, mas importante localidade. Sendo assim essa oligarquia não aparece no cenário político de Aurora à toa, pois este clã que possuía o poder de uma modesta localidade vai despontar através dos conflitos políticos e conseguir o efeito de adentrar o aparelho político municipal e ali se perpetuar.

Marica Macêdo, matriarca da família Macêdo de Aurora

Natural da região de Gameleira do Pau, na serra do Araripe, região do Jamacaru (bem ao lado da fazenda Serra do mato do não menos famoso cel. Santana – conhecido como coiteiro de Lampião) em Missão Velha. Nasceu Maria da Soledade Landim – Marica Macêdo do Tipi - no início de 1865.

Em 1891 após casar com José Antônio de Macêdo (Cazuzinha) seu parente, o casal decidiu mudar-se para o município de Aurora, comprando a propriedade do sítio Sabonete onde mais tarde se formaria a vila Tipi, local onde fixaram residência até o fim da vida.

Marica casou-se duas vezes: o primeiro com o citado Cazuzinha e o segundo, em virtude de ter ficado viúva aos 40 anos com oito filhos jovens para criar, com Antônio Abel de Araújo. Os filhos foram frutos do primeiro matrimônio.

O novo matrimônio gerou burburinhos, haja visto que Marica era uma mulher decidida e com disposição a dar continuidade aos negócios da família sozinha. No entanto, Marica disse contrair núpcias novamente pelo fato de toda mulher precisar de um companheiro. Assim, podemos frisar a necessidade, imposta pela sociedade patriarcal, da mulher sempre ter a figura masculina ao seu lado, dando-lhe legitimidade.

A figura feminina é considerada como frágil, submissa, sendo esta imagem constituída, sobretudo, no período medieval onde as mulheres eram concebidas como objetos de satisfação masculina e, em virtude disto, julgadas como inferiores. É através da dicotomia entre público e privado que podemos entender esta superioridade masculina e como constituiu-se um espaço de dominação do masculino acerca do feminino. Sustentada neste paradigma imposto pela sociedade, Marica mesmo conseguindo quebrar esta regra de fragilidade feminina, de boa senhora do lar, conseguindo governar não só a si mesma como a sua família, os seus negócios e a localidade que habitaram, precisou render-se a “lei da vida” elaborada pelo patriarcado, tendo que ter um companheiro para ser respeitada.

No entanto, Marica em contrapartida ao hábito da época, onde as mulheres recolhiam-se aos afazeres domésticos e cuidados com a prole continuou a controlar os bens que lhe pertenciam. Deste modo, inseriu-se na vida política e administrativa de Aurora, sendo seu segundo marido somente figurante em sua vida, e por ela denominado como um idiota (MACÊDO, 1998).

Após sua brava atuação na Questão de 8 e Fogo do Taveira⁹, Marica saiu do anonimato e tornou-se figura importante no município. Até 1924, ano de sua morte, exerceu notável atuação e influência na política municipal, desempenhando, junto ao seu braço direito, Coronel Cândido, o poder coronelístico de mandonismo em Aurora.

Morreu em 06 de janeiro de 1924 em uma visita feita a casa de sua filha Joanhinha que estava muito mal de saúde, Marica havia rogado a Deus nunca mais ter que passar pela dor de perder um filho. E dois dias antes de sua filha vir a falecer Marica sucumbiu, como atesta o laudo médico, de infarto do miocárdio. Todavia a causa de sua morte fora contestada quando alguns anos após deste acontecimento ao

⁹ Revoltas locais, serão explicadas no próximo capítulo.

exumarem seus ossos, encontraram sua dentadura alojada na garganta, gerando, assim, a suspeita de Marica ter morrido por asfixia.

Revoltas populares que desencadearam a tomada de poder pelos Macêdos

Questão de 8¹⁰

Até o ano de 1908 a cidade vinha sendo comandada pela família Leite que até esta data mantinha acordos políticos com já citada Marica Macêdo. Contudo após algumas divergências a mandatária resolveu deixar a situação. Coronel Totonho indignado diante tal fato resolveu atacar a matriarca e sua família, sabendo disto Marica uniu sua prole e foi refugiar-se em Missão Velha na casa de parentes. A caminho resolveu pernoitar no sítio Taveira, onde o coronel também tinha alguns desafetos, e desta maneira iniciou-se uma luta em prol do poder da pequena cidade.

Deste modo, o cenário político de Aurora em meados de 1908 encontrava-se em uma situação tensa, que determinou um palco de jogo de interesses entre duas facções. Estas se sustentavam em uma relação de equilíbrio, no entanto desavenças políticas vão tornar essa rede de interesses insustentável, eclodindo assim uma ferrenha disputa pelo poder local.

Vale salientar apolítica do Ceará que nesta época era comandada pela família Accioly. Desse modo, essa configuração vai ajudar e intervir nos conflitos de Aurora atendendo os anseios dos Acciolys. É importante entender o cenário político de Aurora:

Embora laços famílias unissem Marica e o coronel Totonho Leite e fossem correligionários na política estadual, pois ambos aceitassem a oligarquia Acciolina, Marica desaprovou as atitudes dele e impediu seus filhos de apoiarem o intendente, contra o sobrinho, por julgar esse comportamento uma arbitrariedade e um abuso (MACÊDO, 1998, p. 22).

A Questão de 8 foi no seu cerne lutas entre famílias, motivadas por interesses coronelísticos para delimitar quem teria o controle político e quem deteria maior poder naquele cenário socioeconômico de Aurora.

¹⁰ Em virtude de ter se sucedido no ano de 1908.

É importante ressaltar, a grande perda que Marica teve em meio a este conflito sangrento, seu filho caçula, Cazuzinha, com apenas quatorze anos foi morto enquanto retirava seu cavalo do meio da guerrilha. Marica pegou o corpo de sua cria encostou em uma parede e voltou ao combate agora movida com o sentimento de vingança.

*Fogo do Taveira*¹¹

A região entre o sítio Taveira e o Coxá no ano de 1908 encontrava-se bastante movimentada devido a demarcação de terras comandada por Dr. Floro Bartolomeu que estava a serviço do Pe. Cícero. Esta faixa de terra era bastante rica em minérios o que despertou o interesse do Padre. Assim houve um conflito entre o religioso e as famílias da localidade conhecido como a demarcação das Minas do Coxá. Esta conjuntura tornou o sítio Taveira um bom esconderijo para família Macêdo, tendo em vista a presença de inúmeras outras famílias, após os impasses com o coronel Totonho Leite.

Totonho tinha pouco apoio e seus jagunços eram mínimos comparados aos de Marica, isto se deveu ao fato da perseguição política empreendida por Totonho. As famílias aurorenses descontentes com sua maneira ditatorial de governar buscaram se unir para depor o mesmo. Assim, o intendente municipal buscou apoio ao governador do Estado do Ceará, Nogueira Accioly, que lhe enviou os destacamentos policiais de cidades vizinhas.

Na noite de 17 de dezembro de 1908, Marica e sua família estava no sítio Taveira quando o corpo policial junto aos capangas de Totonho chegaram lá. Porém foram recebidos a tiros por Marica e seu bando. Este entrave durou até o dia seguinte.

Após este sangrento conflito houve sucessivos saques e estupros em Aurora por jagunços comandos por major José Inácio do Barro que era aliado de Marica Macêdo. Esta invasão tinha como objetivo a perseguição e destituição de coronel Totonho de seu cargo político.

Com o fim desta guerrilha e a captura de Totonho assumiu a intendência Municipal o Sr. Candido Ribeiro Campos- Seu Cândido do Pavão. Destarte, surge uma nova configuração política em Aurora:

¹¹ Conflito sangrento no Sítio Taveira que desencadeou a Questão de 8 e propiciou a deposição de Coronel Totonho e ascensão política da família Macêdo.

Com fim da questão do 8 em Aurora, tomou posse como mandatário municipal o coronel Cândido do Pavão, como dito, iniciando-se a oligarquia dos Ribeiros Cândidos e dos Macêdo do Tipi, que só então saiu do anonimato e passou a ser figura emblemática no município (TAVARES, 2012, p. 165).

Estava consumada a vingança dos inimigos de Totonho, na verdade, uma vingança muito desproporcional à ofensa de que Marica se considerava vítima. Destarte nos é perceptível o jogo político arquitetado pelos Macêdos a partir desta desavença “política”, isto é, é uma trama que vai muito além do desafeto político e que envolve interesses econômicos, sociais e, sobretudo, o poder local.

Macedolândia

Após o fim da Questão de 8 iniciou-se uma nova política em Aurora, agora centralizada nas mãos dos Macêdo. Um aparato de amigos, parentes e correligionários assumiram o aparelho político da intendência de Aurora, todos escolhidos a dedo pela “coronel” Marica Macêdo, como afirma Vicente Macêdo em sua obra:

Assim em dezembro de 1908 assumiram funções em Aurora, por indicação de Marica [...] Coronel Cândido Ribeiro Campos como intendente municipal; José Francisco Sales Landim, seu irmão, como primeiro suplente de juiz; Antônio Landim de Macêdo filho de Marica, foi agraciado com a função de segundo suplente de juiz [...] a delegacia de polícia foi entregue a João Candido Ribeiro, filho do coronel Candido [...] (MACÊDO, 1998, p. 34).

A oligarquia Macêdo foi conquistando espaço nas estruturas de poder, seja ela na prefeitura, cargos municipais, ou na região local. Desta forma centralizou e fortaleceu seu poder no então município de Aurora.

Foi esse contexto histórico que proporcionou o engajamento de sucessivos prefeitos da família Macêdo para a cidade de Aurora. Em virtude da forte presença desta oligarquia a cidade de Aurora é chamada Macedolândia por amigos de outras cidades que conhecem a história política do município, um apelido popular que escancara a verdade acerca da imposição política desta família, refletida numa lista enorme de membros deste clã em cargos públicos. O domínio dos Macêdo sobre o município de Aurora criou raízes profundas e fixadas no imaginário popular e nas urnas.

A percepção do que é ser Macêdo no imaginário popular aurorense é um conectivo fruto dos laços deixados pela matriarca desta família. Isso reflete no fato de que ser Macêdo para os aurorenses é ser um “mandatário poderoso”. O clímax deste significado popular e apego a denominação Macêdo como espaço de poderio local é bem refletido no próprio apelido: Macedolândia. Esta nomenclatura é um feixe de percepções populares sobre o local e as estruturas de poder ainda vigente, sendo importante frisar que tal nomeação dada a cidade é, portanto, uma imagem construída a partir do contexto histórico, social e cultural elaboradas através da memória dos cidadãos aurorenses.

Durante um longo período os Macêdo tiveram a supremacia nas esferas políticas de Aurora. No entanto, após a morte de Marica, a família Gonçalves consegue se inserir na administração de Aurora, fixando-se durante 42 anos. Assim, os Macêdo só conseguiram retomar seu poder com a inserção do senhor João Antônio de Macêdo - João de Zeca - que é sobrinho neto de Marica. Contudo, vale frisar que mesmo sem ocupar cargos relevantes durante este período esta família continuou a exercer seu poder coronelístico na cidade, seja através das atividades comerciais ou agropecuárias.

Após a retomada de poder nas urnas a família Macêdo procurou retomar seu prestígio e cadeira cativa na Câmara de vereadores e Prefeitura. João de Zeca hábil comerciante que era soube tramar estratégias políticas que o elevaram ao patamar de “O Vitorioso” – título da recente obra escrita em sua homenagem. Assim, João firmou-se como principal liderança política de Aurora. Vicente Macêdo (2016) disserta sobre a política de João afirmando sua popularidade, “... quase sempre, conseguiu eleger seus candidatos, perdendo somente três vezes para o seu adversário político Francisco Carlos Macêdo Tavares (Carlinhos)”. É importante salientar que Carlos, que foi prefeito de Aurora por duas vezes, é bisneto de Marica e, portanto, primo de João, o que nos faz perceber uma divisão dentro da própria estrutura oligárquica dos Macêdo. Então, mesmo estando sobre administração de outro partido político Aurora continuou sob o comando desta família.

Sendo assim, descendentes e parentes de Marica perpetuaram-se intrinsecamente a história de Aurora, levando-a por todo o Ceará através de seus contemporâneos em exercício de suas atividades. Importantes figuras políticas que iniciaram sua jornada em Aurora, são hoje conhecidas pelo Ceará. Temos como exemplo o ex-deputado estadual Raimundo Antônio de Macêdo – Raimundão.

Entender o apelido dado ao município de Aurora, Macedolândia, é perceber toda essa lógica histórica construída através de um contexto que proporcionou a essa família se perpetuar na política aurorense.

Macedolândia é muito além de um simples nome vulgar ou popular, é a representação sociocultural que designa a Aurora um aparato de significantes que ficou estagnado no imaginário popular. Esta família está presente na peculiar historiografia local como personagens importantes, além de estar presente em estátuas (busto de Marica Macêdo e seu marido, no sítio Tipi), denominações de ruas, etc. Tais traços fortalecem o imaginário popular, tendo em vista que perpetua a imagem construída de Macêdos “donos” de Aurora. A simplória historiografia aurorense, feita pelos Macêdos para os Macêdos, somada aos elementos citados fortalece a premissa do apelido Macedolândia estagnado na memória dos aurorense.

O título de terra dos Macêdo apenas reflete a percepção tão comum de introdução desta família nas diversas esferas públicas como algo já engessado e perene ao município. A ideia de que essa família possui em suas mãos a política aurorense está explícito desde a época em que a matriarca Marica Macêdo, amigos, parentes e correligionários tomaram o poder local até a vasta lista de sobrenomes de prefeitos e vereadores com esta designação Macêdo.

Atualmente Aurora é comandada por José Adailton de Macêdo, sobrinho de João de Zeca, que já foi vereador inúmeras vezes e prefeito por dois mandatos seguidos. Em meio a época eleitoral o nome indicado por esta oligarquia é o de João Antônio de Macêdo Filho, - como o nome nos indica filho de João de Zeca - isso esclarece a perpetuação coronelística desta família ainda em vigor em pleno século XXI, valendo ressaltar que este sistema ganha novas percepções e práticas, sendo denominada “neo coronelismo”. Contudo sempre remetida ao velho coronel que se favorece de seu poder para firmar compromissos que serão cobrados futuramente.

Conclusão

Destarte, é importante frisar a presença de um jogo político com tradição familiar na estrutura de pequenas cidades interioranas, o qual atualmente os Macêdo e demais oligarquias cearenses ainda vigentes praticam. Sendo este um jogo de interesses e mercês, troca de favores. Uma jogatina que persiste na política como uma herança de velhas práticas coloniais, como o coronelismo.

A introdução dessa família nas estruturas de poder local deu-se através de uma revolta de cunho pessoal entre Marica e Totonho, a qual resultou na ferrenha e eficaz inserção desta oligarquia na história aurorense que uma vez detentora do poder político soube usá-lo, sendo poucas as vezes que não o usufruiu.

Compreender a atual conjuntura política de Aurora é buscar fazer uma leitura do passado, e este trabalho fez uma releitura deste tempo a partir da injeção da família Macêdo, seu fortalecimento e detenção da lógica política social de Aurora, através de uma ótica válida, mas nunca totalizante, usufruindo da pequena historiografia local.

As raízes da oligarquia Macêdo foram fincadas na sua migração para a região rural de Aurora, onde seu poderio configurou um polo de interesses e grande poder. A partir dos conflitos da “Questão do 8” e “Fogo do Taveira” esse clã conseguiu fixar-se num solo ainda maior e fértil, e suas raízes esparramaram-se de uma forma vasta e profunda na história política de Aurora.

A oligarquia Macêdo é um conjunto de indivíduos unidos pelos laços sanguíneos e interesses pessoais, que justificam sua autoridade na política através da história local, alegando sua íntima relação com o crescimento social e econômico de Aurora. Este centralismo fomentou a produção deste trabalho, a busca do entendimento dessa lógica vigente levou a uma historicidade instigante, que esclarece alguns pontos sobre a família Macêdo.

À vista disto, fica perceptível, no título deste trabalho, a tentativa de compreender a afirmação “Aurora: terra de Macêdos, vulgo Macedolândia”.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Leila Cordeiro. A forte presença da família no coronelismo: algumas observações sobre oposição e situação nos municípios mineiros. **In:** XVIII ENCONTRO REGIONAL (ANPUH - MG). 2012. **Anais eletrônicos...** Mariana, 2012. 12 p. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1339531480_ARQUIVO_LeilaCoronelismo.pdf>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.
- CALIXTO Júnior, João Tavares. **A venda Grande d' Aurora**. Fortaleza: expressão gráfica, 2012.
- CALIXTO Júnior, João Tavares. **Centenário de Falecimento de Antônio Leite Teixeira Netto (Coronel Totonho do Monte Alegre)**. Lavras da Mangabeira, 2013. Disponível em: <<http://lavrasc.blogspot.com.br/2013/01/centenario-de-falecimento-de-antonio>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2016
- CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **História do Ceará**. Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br/historia-do-ceara>>. Acesso em: 02 de setembro de 2016.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **O conceito de coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local**. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

MACÊDO, Joaryvar. **Império do bacamarte**: uma abordagem sobre o coronelismo no cariri cearense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1990.

MACÊDO, Vicente Landim de. **João de Zeca**: O Vitorioso. Brasília: Ed. do Autor, 2016.

_____. **Marica Macêdo**: a brava sertaneja de Aurora. Brasília: Petry Gráfica e Editora Ltda, 1998.

_____. **TIPI** – de arbusto a distrito. Brasília: Riveira, 2013.

SILVA, José Cícero. **AURORA**: A questão de 8, o Fogo do Taveira e o dia em que os coronéis Sebastião Pereira e Paulo Gonçalves quase foram mortos por jagunços no Cajuí. Aurora, setembro de 2011. Disponível em: <<http://seculteaurora.blogspot.com.br>>. Acesso em: 02 de setembro de 2016.

TAVARES, Amarílio Gonçalves. **Aurora**: História e Folclore. 2. ed. João pessoa: Avantes, 1999.